

# O abrigo tardo-romano da Vinagreira, Elvas

■ JACINTA BUGALHÃO\* ■

**RESUMO** A intervenção arqueológica preventiva realizada no sítio arqueológico da Vinagreira, Elvas, revelou um conjunto ténue de vestígios (estruturais, estratigráficos e artefactuais) que permitiram tipificar o local como um pequeno núcleo de povoamento rural tardo-romano, eventualmente um abrigo de ocupação sazonal.

**ABSTRACT** The salvage work at the Vinagreira archaeological site, Elvas, revealed a set of faint remains (structural and stratigraphic, as well as artifacts) which typified a small late Roman rural settlement, possibly a shelter with seasonal occupation.

A intervenção arqueológica no sítio da Vinagreira<sup>1</sup> revestiu-se de natureza preventiva e foi realizada por uma equipa de colaboradores permanentes do extinto Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico<sup>2</sup>, entre 22 de Julho e 2 de Agosto de 1996. O convite partiu do responsável pela gestão do Protocolo entre o IPPAR e a Transgás, Dr. José Morais Arnaud, na sequência da identificação da estação arqueológica por Pedro Almeida e Pedro Souto (Almeida e Souto, 1996).

O sítio localiza-se numa encosta dominante para Leste, com amplo horizonte de visibilidade, a uma altitude de 369 metros. Na mesma direcção, no vale, corre uma pequena linha de água sazonal, o Ribeiro da Nogueira, que integra a bacia hidrográfica do Caia. Do ponto de vista geológico, predominam as rochas eruptivas e rochas do complexo xisto-grauváquico (Pré-câmbrico). Os solos integram-se nas classes C/D, tendo grandes limitações para uso agrícola. A identificação dos vestígios ocorreu após a abertura da faixa de servidão para implantação da linha do Gasoduto (com cerca de 20 metros de largura e profundidade entre 50 centímetros e 1 metro), que pôs a descoberto em corte, uma área de concentração de fragmentos cerâmicos, aparentemente *in situ*, destacando-se a presença de *tegulae* e *imbrices*. Com base nestes elementos inicialmente recolhidos, foi considerada necessária a realização de uma intervenção de diagnóstico do potencial científico e patrimonial do sítio, como medida de minimização dos impactos negativos provocados pela implantação da linha do Gasoduto.

Uma primeira acção de delimitação e caracterização ocorreu no início de Julho de 1996, tendo-se constatado que a área de dispersão de fragmentos cerâmicos à superfície era bastante reduzida: cerca de 10 m<sup>2</sup>. Pôde igualmente observar-se, junto ao limite da faixa de ser-



FIG. 1 – Localização do sítio em carta militar 1:25 000.

vidão, um moroiço que incorporava alguns fragmentos de cerâmica arqueológica. Num segundo momento, foi realizado um levantamento topográfico da área com a implantação de curvas de nível com intervalos equidistantes de 50 centímetros e implantação da área de sondagem arqueológica.

Finalmente, sucedeu a campanha arqueológica propriamente dita. A área da sondagem foi de 8 x 8 metros, orientada a Norte e implantou-se parcialmente sobre a faixa de servidão aberta e parcialmente sobre terreno não remexido. A sondagem cobria quase a totalidade da área onde eram visíveis materiais arqueológicos à superfície. A área de escavação foi dividida em quadrantes, tendo-se intervencionado inicialmente as parcelas A e C, a fim de permitir uma leitura estratigráfica mais pormenorizada. Em vista dos resultados obtidos, que permitiram alcançar completamente os objectivos da intervenção, os quadrantes B e D, não chegaram a ser escavados. A escavação efectuou-se com recurso a níveis artificiais de 30 centímetros, respeitando-se a deposição natural dos estratos.

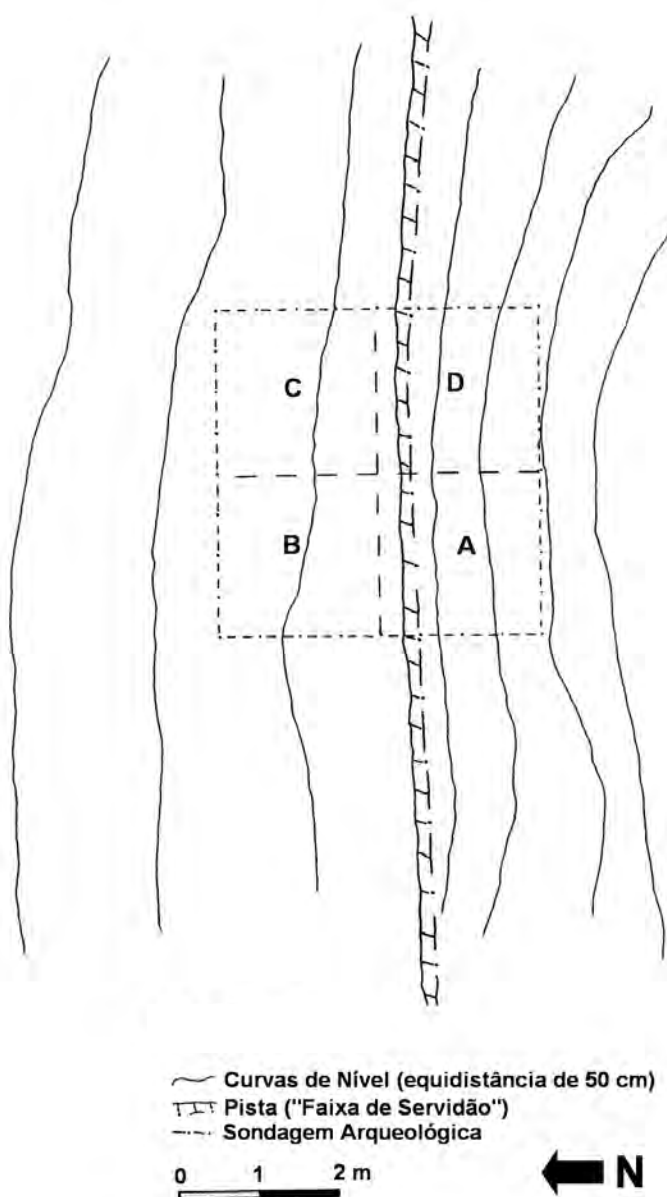


FIG. 2 – Levantamento topográfico com sondagem.

## 1. Estratigrafia

Foram identificadas apenas duas camadas estratigráficas:

**Camada 1<sup>3</sup>:** camada arqueológica que se conserva essencialmente fora da faixa de servidão aberta pela Transgás; constituída por sedimentos argilosos, castanhos, compactos, com algumas pedras de calibre variado; continha abundantes fragmentos de *tegullae* e *imbrices*, de cerâmica comum de fabrico grosseiro e de grandes recipiente de armazenamento – *dolia*; foi recolhida uma placa de fivela de cinturão em bronze; o espólio é exclusivamente de cronologia romana.

**Camada 2<sup>4</sup>:** Superfície alterada do substrato rochoso. Constituída por sedimentos argilosos castanho avermelhados, com muita rocha fragmentada. Presença muito esporádica de espólio arqueológico.

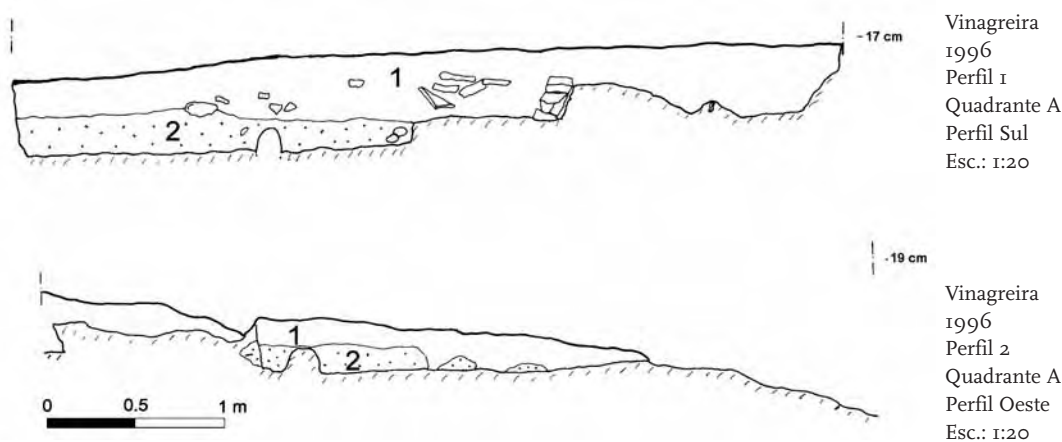


FIG. 3 – Perfis estratigráficos.

**Recolha de superfície<sup>5</sup>:** Nos terrenos remexidos pelos trabalhos de abertura da faixa de servidão e na restante área, à superfície, foi recolhido todo o espólio arqueológico visível.

### QUADRO I

Distribuição estratigráfica dos materiais cerâmicos.

| Referências                            | Cerâmica de Construção |           | Cerâmica Comum |          |          |          | <i>Dolia</i> |          |          |          | Totais     |
|--|------------------------|-----------|----------------|----------|----------|----------|--------------|----------|----------|----------|------------|
|  | Tégula                 | Tijoleira | Panças         | Bordos   | Fundos   | Asas     | Panças       | Bordos   | Fundos   | Asas     |            |
| Quadrante A. Superfície.               |                        |           |                |          |          |          |              |          |          |          | 11         |
| Quadrante A. Plano 1. Camada 1.        | 77                     | 1         | 16             |          | 1        |          | 11           | 4        |          | 1        | 111        |
| Quadrante A. Plano 2. Camada 1.        | 5                      |           | 13             | 3        |          | 1        |              |          |          | 1        | 23         |
| Quadrante A. Plano 2. Camada 2.        | 30                     |           | 32             | 2        |          | 1        |              |          |          |          | 65         |
| Quadrante A Plano 1. Camada 3.         | 1                      |           |                |          |          |          | 4            |          |          |          | 5          |
| Quadrante A Plano 2. Camada 4          | 20                     | 1         | 1              |          |          |          | 9            |          | 1        |          | 32         |
| Quadrante A. Plano 2. Camada 5.        |                        |           |                |          |          |          | 2            |          |          |          | 2          |
| Quadrante C. Planos 3 e 4. Superfície. | 4                      |           |                |          |          |          |              |          |          |          | 4          |
| Quadrante C. Planos 3 e 4. Camada 2.   | 28                     |           |                |          |          |          | 3            |          |          |          | 31         |
| Quadrante C. Plano 4. Camada 2         | 36                     | 1         |                |          |          |          |              |          |          |          | 37         |
| Quadrante D. Superfície.               |                        |           |                |          |          |          | 1            |          |          |          | 1          |
| <b>Totais</b>                          | <b>211</b>             | <b>3</b>  | <b>63</b>      | <b>5</b> | <b>1</b> | <b>2</b> | <b>30</b>    | <b>4</b> | <b>2</b> | <b>1</b> | <b>322</b> |

FIG. 4 – Estruturas.

---

FIG. 5 – Derrube.

---

## 2. Estruturas

---

Foram identificados dois troços de embasamento de muros formando um canto de um compartimento (orientados Norte-Sul e Este-Oeste). As estruturas estavam muito danificadas, principalmente o troço Este. Eram constituídas por blocos xísticos toscamente aparelhados, com ligante argiloso, fundados na camada 2. As raízes de uma árvore que ocupavam todo o quadrante A contribuiriam para a deterioração das estruturas. No interior do compartimento, foi identificada uma área de derrube constituída por pedras e telhas.

Na área impactada pela faixa de servidão não se conservou qualquer vestígio estrutural.

## 3. Achado avulso

---

Removido do seu local de deposição pelos trabalhos de abertura da faixa de servidão, foi identificado, nas terras remexidas, um elemento de cantaria em calcário, eventualmente pertencente a uma fonte. Tratava-se de um silhar bem aparelhado, de forma cúbica (dimensões aproximadas: 50 x 50 x 50 centímetros), apresentando numa das faces uma depressão central semi-esférica (destinada a receber o fluxo da água) e um sulco para escoamento da mesma. A atribuição cronológica deste elemento não é fácil, sendo mais seguro considerá-la indeterminada.

FIG. 6 – Silhar.

---

#### 4. Espólio

O espólio recolhido, maioritariamente cerâmico, caracteriza-se pela homogeneidade, não só a nível cronológico, como já foi referido, mas também ao nível das suas características técnicas. Tratam-se de peças de fabrico grosseiro, em torno lento, com superfícies alisadas interna e externamente, de pastas onde se observa uma pasta densa, castanho-avermelhada, pouco depurada, com muitas partículas de pequenas dimensões de minerais, quer de cor escura (piroxenas e plaquetas de xisto) quer de cor clara (calcite, etc) distribuídos de uma forma aleatória e homogênea. Os minerais de cor clara apresentam uma dureza de grau 3 ou inferior (com base na escala de Mohs). De referir ainda, que além do carácter grosseiro da pasta já descrita, observam-se ainda concentrações de argila mal cozida que se deixa riscar facilmente com a unha<sup>6</sup>.

As tipologias presentes também não são muito diversificadas, o que não é de estranhar tendo em conta o tipo de sítio em presença. Distinguem-se os grandes recipientes de armazenamento — *dolia*, os recipientes de cozinha/armazenamento — panelas ou potes e um alguidar.

Foram individualizadas dez peças que ilustram perfeitamente, a quantidade e diversidade do espólio recolhido.

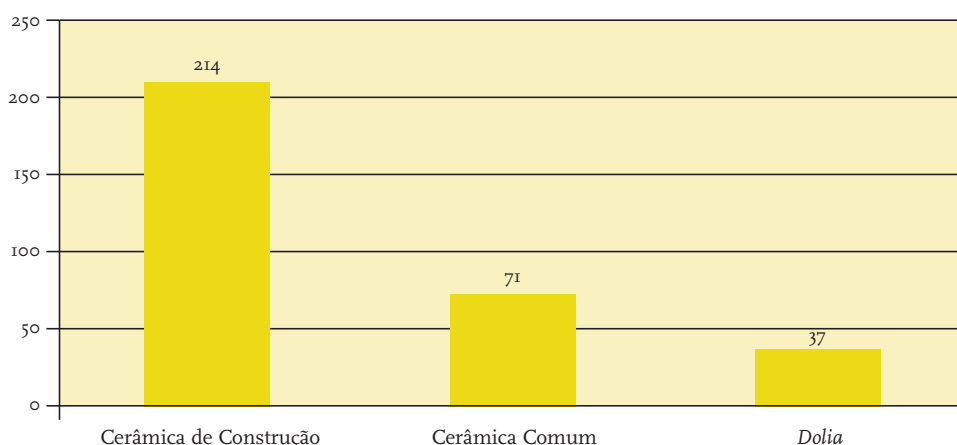


FIG. 7 – Achados cerâmicos: distribuição tipológica.

##### N.º de Inventário: 1

**Tipo:** *Dolium*.

**Dimensões:** Ø interno da boca: 380 mm; espessura de parede: 25 mm.

**Descrição:** Fragmento de boca e pança com arranque de uma asa; bordo introvertido com espessamento externo e lábio vertical; pança esférica; arranque de asa ou pega.

**Referências:** Quadrante A, Plano 1, Camada 1.

**Figura:** 8

##### N.º de Inventário: 2

**Tipo:** *Dolium*.

**Dimensões:** Ø externo de fundo: 172 mm; espessura de parede: 24 mm.

**Descrição:** Fragmento de fundo e pança; fundo plano; pança troncocónica curva.

**Referências:** Quadrante A, Plano 1, Camada 1.

**Figura:** 8

FIG. 8 – *Dolia* (desenhos de Maria João Sousa).

---

**N.º de Inventário:** 3

**Tipo:** *Dolium*.

**Dimensões:** Ø externo de fundo: 130 mm; espessura de parede: 11 mm.

**Descrição:** Fragmento de fundo e pança; fundo plano, convexo interiormente; arranque de pança.

**Referências:** Quadrante A, Plano 2, Camada 1.

**Figura:** 8

**N.º de Inventário:** 4

**Tipo:** *Dolium*.

**Dimensões:** Ø externo de fundo: 152 mm; espessura de parede: 20 mm.

**Descrição:** Fragmento de fundo e pança; fundo plano; pança troncocónica curva.

**Referências:** Quadrante A, Plano 1, Camada 1.

**Figura:** 8

**N.º de Inventário:** 5

**Tipo:** *Dolium*.

**Dimensões:** largura: 48 mm; espessura: 32 mm.

**Descrição:** Fragmento inferior de asa curva; secção subrectangular.

**Referências:** Quadrante A, Plano 1, Camada 1

**Figura:** 8

**N.º de Inventário:** 6

**Tipo:** Panela ou pote.

**Dimensões:** Ø externo de fundo: 80 mm; espessura de parede: 6 mm.

**Descrição:** Fragmento de fundo e pança; fundo plano; pança troncocónica ligeiramente curva.

**Referências:** Quadrante A, Plano 2, desmontagem do derrube.

**Figura:** 9

**N.º de Inventário:** 7

**Tipo:** Panela ou pote.

**Dimensões:** Ø interno de bordo: 85 mm; altura de colo: 15 mm; espessura de parede: 6 mm.

**Descrição:** Fragmento de bordo e colo; bordo boleado; colo curto e vertical; arranque de pança.

**Referências:** Quadrante A, Plano 1, Camada 1.

**Figura:** 9

**N.º de Inventário:** 8

**Tipo:** Panela ou pote.

**Dimensões:** Ø interno de bordo: 140 mm; espessura de parede: 8 mm.

**Descrição:** Fragmento de bordo e pança; bordo boleado extrovertido; colo curto ligeiramente estrangulado; arranque de pança.

**Referências:** Quadrante A, Plano 1, Camada 1.

**Figura:** 9

**N.º de Inventário:** 9

**Tipo:** Panela ou pote.

**Dimensões:** largura: 35 mm; espessura: 15 mm.

**Descrição:** Fragmento inferior de asa curva; secção subrectangular.

**Referências:** Quadrante A, Plano 2, Camada 1.

**Figura:** 9



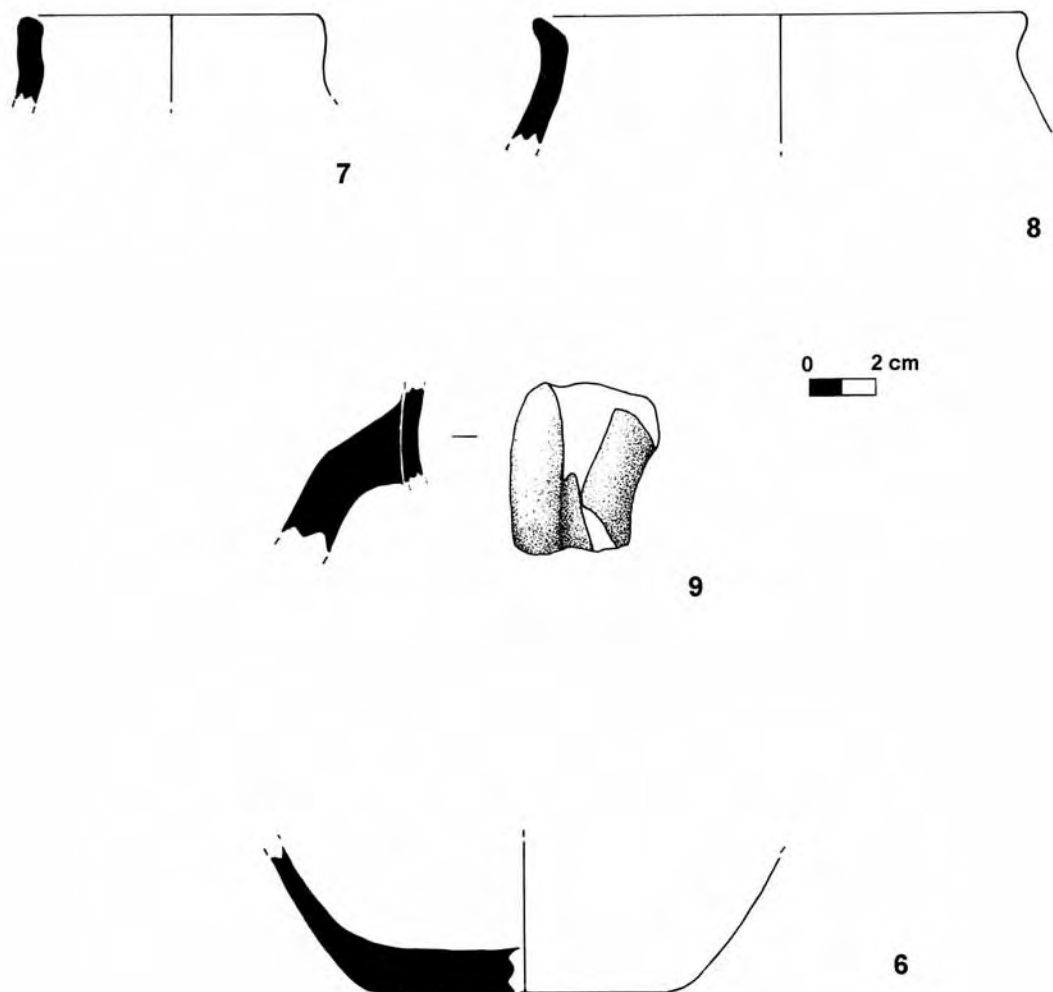


FIG. 9 – Painéis (desenhos de Maria João Sousa).

**N.º de Inventário:** 10

**Tipo:** Alguidar.

**Dimensões:** Ø interno de bordo: 400 mm; espessura de parede: 14 mm.

**Descrição:** Fragmento de bordo e arranque de parede; bordo em aba horizontal de secção subrectangular; arranque de parede recta (?) oblíqua.

**Referências:** Quadrante A, Plano 1, Camada 1.

**Figura:** 10

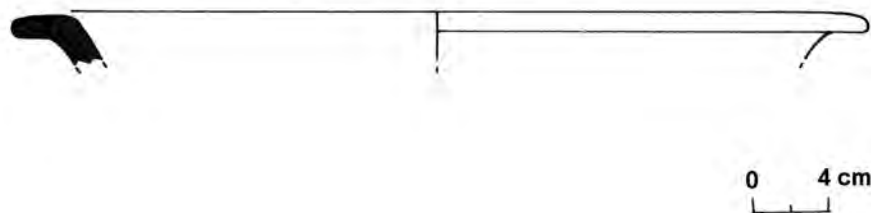


FIG. 10 – Alguidar (desenho de Maria João Sousa).

Para além do espólio cerâmico, a única peça que merece destaque, pelo seu valor intrínseco e pela informação de natureza cronológica que poderá fornecer, é a placa de fivela de cinturão liriforme, atribuível ao período visigótico. São conhecidos paralelos próximos em Portugal (Chaves, Elvas, Cascais, Salvaterra do Extremo, Bensafrim, Mértola, Loulé, Vale do Guadiana) e Espanha (Jaén, Toledo, Badajoz, etc.)<sup>7</sup>. Estas peças são consideradas manifestações de arte visigótica local, de influência bizantina, que se espalham pelo território peninsular a partir do final do século VI – inícios do VII, ilustrando a penetração dos modelos artísticos mediterrânicos orientais (Ripoll, 1985, p. 61). Alguns paralelos salientam-se pelas semelhanças decorativas com o exemplar da Vinagreira — Chaves, Elvas (Almeida, 1962, p. 244) e Mértola (Torres e Macias, 1993, p. 70) e outros pela proximidade geográfica — Elvas e Badajoz (Guia..., 1998, p. 39).

**N.º de Inventário:** II

**Tipo:** Placa de fivela de cinturão.

**Material:** Bronze

**Dimensões:** comprimento: 46 mm; largura média: 20 mm.

**Descrição:** Placa liriforme, de forma suavizada ou esquematizada, com 3 apêndices da face interna.

**Decoração:** Decoração incisa; com motivos de “cabeças de águia”, enquadrados por cordões marcados a traços.

**Referências:** Quadrante A, Plano I, Camada I.

**Figura:** II



FIG. II – Fivela (fotografia de José Paulo Ruas).

## 5. Interpretação e conclusão

---

O sítio insere-se na área de influência de *Emerita Augusta* (Gorges, 1990), numa região caracterizada por uma carta arqueológica de época romana muito preenchida e servida pela via entre *Olisipo* e aquela cidade. Trata-se de um território, devido à proximidade com a capital da província romana, onde se cruzam diversas vias importantes de comunicação terrestre. A cerca de 7 km para SE situa-se a *villa* da Quinta das Longas.

Da intervenção arqueológica, resultou a identificação de uma estrutura, em avançado estado de destruição e uma área de derrube. Os escassos materiais arqueológicos (cerâmica de construção, comum e *dolia*) foram recolhidos maioritariamente sob este estrato. Destaca-se a presença da placa de fivela de cinturão em bronze visigótico, datável do final do século VI - inícios do VII.

A diminuta área de dispersão de materiais arqueológicos, a sua fraca abundância e diversidade, o fraco potencial agrícola e hídrico da zona, aliados a uma posição predominante sobre a paisagem (Mantas, 1986, p. 207), com visibilidade sobre uma extensão grande de território, conduz à integração deste sítio na categoria de abrigo (Mantas, 1986; Alarcão, Étienne e Mayet, 1990), não sendo de excluir de todo a possibilidade de se tratar de um pequeno casal. Contudo, não foram aqui recolhidos indícios claros de *habitat* (alimentação e combustão, por exemplo). É mais uma razão que joga a favor da primeira hipótese: abrigo ou cabana de ocupação temporária relacionada com determinados trabalhos agrícolas ou de pastoreio e/ou local de armazenamento de produções agrícolas ou florestais. Considera-se, no entanto, que os dados fornecidos por esta intervenção, são demasiado reduzidos para permitir conclusões categóricas, objectivo ainda dificultado pela forma como decorreu a identificação do sítio (simultânea à abertura da pista de servidão do gasoduto), que provocou a remoção de algumas estruturas e estratos. Em relação à caracterização cronológica, e como é comum neste tipo de sítios (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990, p. 159) devido à falta de espólio indicador de datações, não é possível avançar muito, a não ser a probabilidade de que a sua ocupação tenha subsistido à dominação romana da região.

### NOTAS

---

\* Instituto Português de Arqueologia.

<sup>1</sup> Distrito: Portalegre; concelho: Elvas; freguesia: São Vicente e Ventosa. Carata Militar de Portugal dos Serviços Cartográficos do Exército 1: 25 000, folha n.º 399. Coordenadas hectométricas Gauss: 2228/2782.

<sup>2</sup> Para além da autora, participaram nos trabalhos Emanuel Carvalho, José Luís Monteiro, Teresa Julião e José António Rodrigues. A equipa pôde contar com a colaboração de Pedro Almeida e Pedro Souto (equipa permanente de arqueologia ao serviço da Transgás) e com apoio de dois topógrafos ao serviço da mesma empresa, Miguel Duarte e Carlos Alves.

<sup>3</sup> Corresponde às referências: Quadrante A, Camadas 1, 2, 3 e 4; Quadrante C, Camada 2.

<sup>4</sup> Corresponde à referência: Quadrante A, Camada 5.

<sup>5</sup> Corresponde às referências: Quadrante A. Superfície; Quadrante C. Superfície; Quadrante D. Superfície.

<sup>6</sup> Agradecemos a caracterização das pastas ao Dr. Fernando Real.

<sup>7</sup> Agradecemos-se as informações cedidas por Mário Varela Gomes e Fernando Rodrigues Ferreira.

## BIBLIOGRAFIA

---

- ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; MAYET, F. , eds. (1990) - *Les Villas Romaines de São Cucufate (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- ALMEIDA, F. de (1962) - Arte visigótica em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Nova Série. 4, p. 5-278.
- ALMEIDA, P.; SOUTO, P. (1996) - Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados no âmbito do Protocolo entre a Transgás e o IPPAR (Lote 3A e ramais de Torres Vedras e de Lisboa do Lote 1 - 1.º semestre de 1996), p. 13, 16.
- Carta de capacidade de uso do solo*; esc. 1:50 000 (1965) - Ministério da Economia. Serviço de Reconhecimento e de Ordenamento Agrário. Fl. 33C.
- GORGES, J.-G. (1990) - Villes et villas de Lusitanie (interaction - échanges - autonomies). In *Les Villes de Lusitanie romaine*. Paris: CNRS, p. 91-113.
- Guia. Museu Arqueológico Provincial de Badajoz (1998) - Badajoz: Editora Regional de Extremadura.
- MANTAS, V. G. (1986) - Implantação rural romana em torno da villa de S. Cucufate (Vidigueira). *Arquivo de Beja*. Beja. 2.ª série. 3, p. 199-209.
- RIPOLL, G. (1985) - *La necropolis visigoda de el Carpio de Tajo (Toledo)*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- TORRES, C.; MACIAS, S (1993) - *Museu de Mértola. Basílica paleocristã*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.